

TURISMO **AMAZÔNIA** *na* **OCIDENTAL:**

APRENDER COM
A CAMINHADA NO
VALE DO GUAPORÉ,
ESTADO DE RONDÔNIA

Autores

Margarita María Dueñas Orozco

Frederico Yuri Hanai

Milena Sciascio Ghidini

Júlia Lefcadito Alvares Comin

Nara Luisa Reis de Andrade

RiMa

Brasil
2026

*A todas as comunidades amazônicas,
nossa respeitosa gratidão!*

INICIATIVA AMAZÔNIA+10:

desenvolvimento de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) na região da Amazônia legal



PROJETO:

Caracterização socioambiental, diagnóstico da gestão territorial e análise do potencial de sustentabilidade na região do Vale do Guaporé, estado de Rondônia e do Vale do Jari, estado do Amapá: desafios para o desenvolvimento do turismo sustentável, gestão da água e educação ambiental.

REALIZAÇÃO:

Universidade Federal de São Carlos – **UFSCar**

Universidade Federal de Rondônia – **UNIR**

Instituto Federal do Amapá – **IFAP**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - **UNIOESTE**



RONDÔNIA

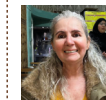


Nara Luisa Reia de Andrade
Universidade Federal de Rondônia – UNIR



João Gilberto Souza Ribeiro
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

AMAPÁ



Núbia Deborah Araújo Caramelo
Instituto Federal do Amapá – IFAP



PARANÁ

Irene Carniatto
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE



SÃO PAULO



Frederico Yuri Hanai
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Copyright © 2026 dos autores

Direitos reservados desta edição:
RiMa Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Turismo na Amazônia ocidental: aprender com a caminhada no Vale do Guaporé, estado de Rondônia / Margarita María Dueñas Orozco... [et al.] – São Carlos, SP : RiMa Editorial, 2026.
50 p.

ISBN: 978-65-83933-48-5

1. Turismo. 2. Turismo sustentável. 3. Amazônia.
I. Hanai, Frederico Yuri. II. Ghidini, Milena Sciascio.
III. Comin, Júlia Lefcadito Alvares. IV. Andrade, Nara
Luísa Reis de.

CDD 338.4791

Elaborado por Natalia Gallo Cerrao – CRB 8/10169

Índice para catálogo sistemático:
Turismo 338.4791

COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins

Paulo de Tarso Martins

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

Norma Valencio (UFSCar - SP)

Pedro Roberto Jacobi (USP - SP)

RiMa

Rua Virgílio Pozzi, 81 – Jardim Santa Paula
CEP 13564-040 – São Carlos-SP
Fone: (16) 991748888

APOIO E FINANCIAMENTO:

CONFAP - Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa

CONSECTI - Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência Tecnologia e Inovação

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo

FAPEAP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Amapá

FAPERÓ - Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas, Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA - Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

MIDR - Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional



COLETÂNEA *de* **LIVRETOS**

**PARA AS
COMUNIDADES
AMAZÔNICAS**

Organizadores das Produções da Iniciativa Amazônia+10:

Ederson Lauri Leandro
Frederico Yuri Hanai
Hamilton Tavares dos Prazeres
Irene Carniatto
Jeferson Alberto de Lima
João Gilberto de Souza Ribeiro
Lucilene de Sousa Melo
Margarita María Dueñas Orozco
Michael Machado de Moraes
Nara Luisa Reis de Andrade
Neiva Cristina de Araújo
Nubia Deborah Araújo Caramello

Revisão e Formatação

Ana Maria Martins Alves Vasconcelos

Diagramação

Júlia Lefcadito Alvares Comin

Fotografia

Ederson Lauri Leandro

1º

Livreto

Turismo além do nome:

Conceitos, práticas e significados

2º

Livreto

Turismo em comunidades:

Trajetórias e experiências que inspiram

3º

Livreto

Turismo na Amazônia Ocidental:

Aprender com a caminhada no Vale do Guaporé, estado de Rondônia

4º

Livreto

Aprendendo com a caminhada:

Turismo no Vale do Jari, Amazônia Ocidental

Nos volumes anteriores desta série de livretos, abordamos temas centrais para refletirmos sobre o turismo em territórios tradicionais. No Volume 1, apresentamos os conceitos fundamentais sobre o que é o turismo, sua importância, impactos e formas alternativas para desenvolvê-lo da maneira mais responsável, como o turismo sustentável, o ecoturismo e o turismo de base comunitária. No Volume 2, reunimos histórias que inspiram, com experiências reais de comunidades que estão envolvidas com práticas turísticas transformadoras. Deixamos dicas e aprendizados valiosos.

No volume 3, convidamos os leitores a refletirem a partir da experiência do ecoturismo comunitário, que foi desenvolvida durante os anos 90, nas Reservas Extrativistas de Pedras Negras e Curralinho, no Vale do Guaporé, no estado de Rondônia.

O livreto apresenta vivências, desafios, práticas e caminhos construídos com e pelas comunidades nessas Unidades de Conservação, foco de pesquisa de doutorado que visou analisar o desenvolvimento do turismo durante o tempo em que a iniciativa foi desenvolvida. Há também vozes e indagações dos próprios comunitários e considerações que nos fazem vislumbrar novas alternativas.

E no volume 4, está apresentada a experiência do desenvolvimento do turismo no Vale do Jari, no estado do Amapá.

CONTEXTO LIVRETO *do*

Este livreto é resultado de estudos realizados por três projetos de pesquisa e de extensão universitária. O primeiro projeto intitulado 'Diagnóstico da gestão do território e dos impactos socioambientais na região do Vale do Guaporé, Rondônia' foi aprovado junto ao Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). O segundo, apoiado pelo Programa Iniciativa Amazônia+10, denomina-se 'Caracterização socioambiental, diagnóstico da gestão territorial e análise do potencial de sustentabilidade na região do Vale do Guaporé, estado de Rondônia e do Vale do Jari, estado do Amapá: desafios para o desenvolvimento do turismo sustentável, gestão da água e educação ambiental'. Este Projeto teve o objetivo de compreender como as comunidades tradicionais, compostas de quilombolas e agroextrativistas, moradores do Vale do Guaporé em Rondônia e do Vale do Jari no Amapá, usam e gerem seus territórios, notadamente com relação ao turismo e à gestão da água. Elaboram conjuntamente propostas de turismo sustentável de modo que a atividade possa gerar renda e desenvolvimento local. E o terceiro, também apoiado pelo Programa Iniciativa Amazônia+10, intitula-se 'Fomentando o empoderamento comunitário para a socio-biodiversidade e resiliência climática na Amazônia: experiências nos vales do Guaporé (RO) e Jari (AP)

Os projetos, desenvolvidos desde 2021, contam com o trabalho colaborativo de pesquisadores e coordenadores da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), do Instituto Federal do Amapá (IFAP), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e são financiados pelas respectivas Fundações de Amparo à Pesquisa de cada estado das instituições vinculadas.

As ações desenvolvidas contam com a imensa e a valiosa colaboração das comunidades quilombolas e tradicionais do Vale do Guaporé (no estado de Rondônia) e do Vale do Jari (no estado do Amapá), com a realização de um trabalho conjunto, que envolve os integrantes das comunidades e os pesquisadores. O objetivo é proporcionar melhor entendimento sobre a realidade do turismo, da gestão das águas, dos rios, dos meios tradicionais de vida, e de outras variáveis importantes nos territórios dessas comunidades.

Por meio dos preciosos diálogos, depoimentos e entrevistas realizadas com os moradores das comunidades, os integrantes da equipe de pesquisadores dos projetos elaboraram os conteúdos apresentados neste Livreto, especialmente criados para a realidade dessas regiões.

Este material didático tem como objetivo apontar caminhos sustentáveis para práticas turísticas com responsabilidade socioambiental para viabilizar a troca de saberes, de conhecimentos, o empoderamento das comunidades, o fortalecimento local, assim como melhores oportunidades de qualidade socioeconômica e ambiental.

Os assuntos tratados no Livreto também objetivam engrandecer a riqueza natural das florestas, dos rios e a valiosa cultura dos povos habitantes do Vale do Guaporé (RO) e do Vale do Jari (AP), aos quais agradecemos imensamente pela parceria e pela oportunidade de desenvolver os trabalhos conjuntamente.

Espera-se que o Livreto seja muito útil e proveitoso para todos.

BOA LEITURA!

MULHER QUILOMBOLA

A minha história vou contar,
Porque esta comunidade é meu lar,
Sou mulher Quilombola, herdeira de Ana Moreira
Que com seu povo ajudou a construir a nação brasileira;
Sou herdeira de Suzana Maria Joaquina,
moradora do Forte que em busca do ouro do Guaporé;
Sou herdeira da índia Helena Maria
Que comandava batalhões até mesmo a pé;
Sou herdeira da crioula Maria Eugênia de Jesus
Que apesar de toda dor não se curvava ao seu senhor,
Sou Mulher Quilombola, sim senhor!

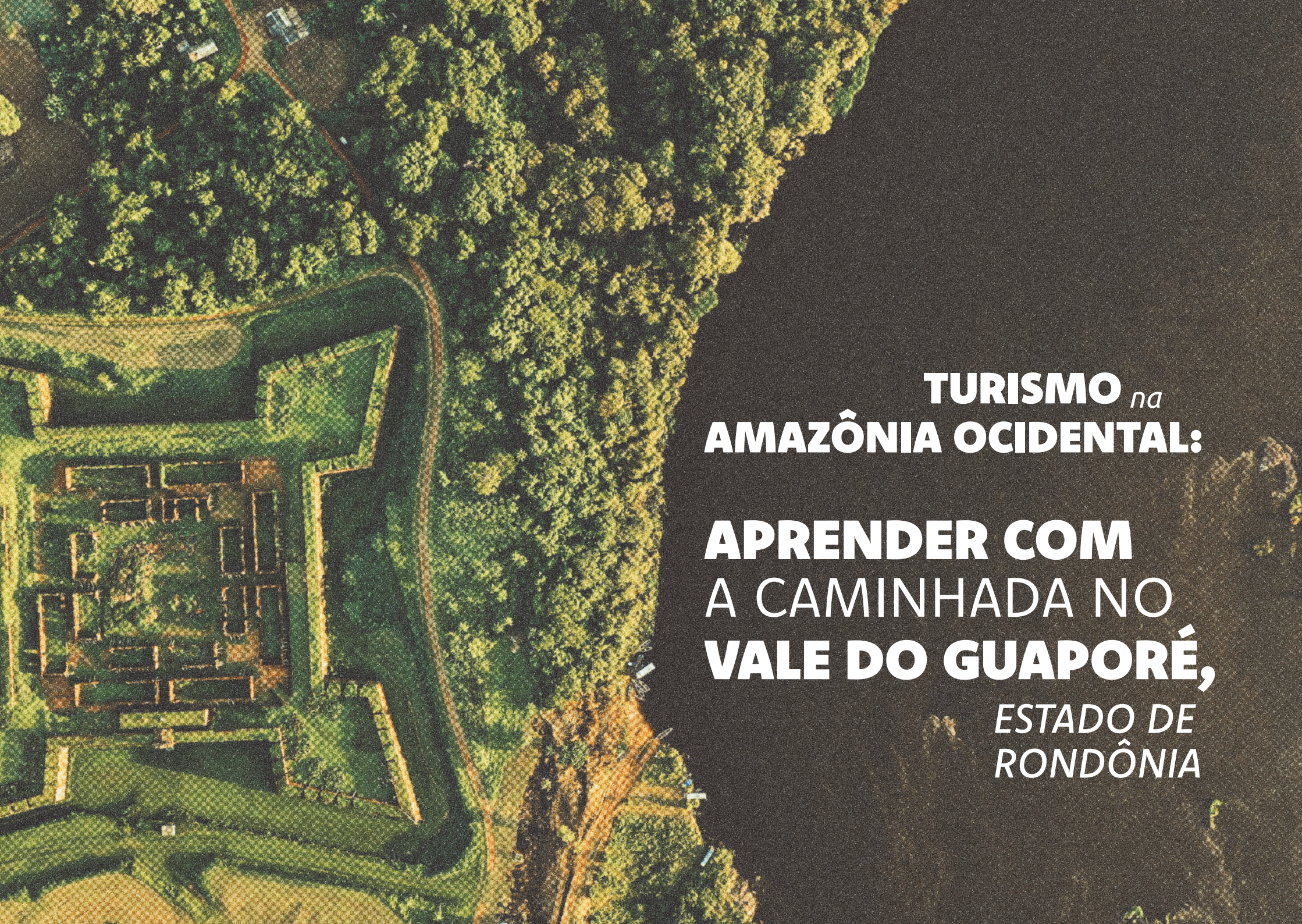
Na minha comunidade sou mulher de produção
E não quero perder a tradição
Sou mulher de comemorar o festejo do Espírito Santo e Imaculada
Conceição
Sou mulher curiosa, e de tudo faço um pouco,
Pão de forma até cocada de coco
Dos artesanatos de troncos até chás medicinais
Sou Mulher Quilombola Sim Senhor!

Somos chamadas de teimosas, chamadas de resistências,
Sou dona de casa, sou funcionária pública,
Sou pescadora e mulher de pescador, zelador até professor.
Não me pergunte por que não deixo minha comunidade;
Sou mulher e quero e vou manter minha identidade;
Sou Mulher Quilombola sim senhor!

*Poema escrito às Mulheres Quilombolas do Forte Príncipe da Beira
Autor: ELVIS CAYADURO PESSOA(1977-2023)*

*In memoriam Liderança quilombola / Presidente Asqforte
Comunidade Quilombola do Forte Príncipe da Beira Costa Marques –
Vale do Guaporé – Rondônia – Amazônia Ocidental*



An aerial photograph of a dense, green forest. A winding river or path cuts through the forest, forming a loop around a small settlement. The settlement consists of several rectangular plots, some of which appear to be cleared for buildings or agriculture. The forest is thick and vibrant green, with some areas showing signs of deforestation or clearing.

TURISMO *na*
AMAZÔNIA OCIDENTAL:

**APRENDER COM
A CAMINHADA NO
VALE DO GUAPORÉ,**

*ESTADO DE
RONDÔNIA*

Turismo na Amazônia Ocidental: **APRENDER COM A CAMINHADA** **NO VALE DO GUAPORÉ** *(ESTADO DE RONDÔNIA)*

Em muitos cantos do Brasil, o turismo já foi pensado como uma esperança de melhorar a renda, valorizar a cultura e trazer novas oportunidades para a comunidade. Mas a realidade mostra que **quando o turismo não é bem cuidado ou não faz parte da própria comunidade**, ele pode trazer mais problemas do que soluções.

No Vale do Guaporé, (estado de Rondônia), região com imensas riquezas naturais e culturais, já foi implementado o ecoturismo comunitário nas Reservas Extrativistas de Pedras Negras (município de São Francisco do Guaporé) e de Curralinho (município de Costa Marques), mas a comunidade enfrentou dificuldades pelo papel centralizador de instituições intermediárias e pela pouca participação real dos moradores.

Nessas regiões, há um enorme potencial e o importante desejo de se desenvolver o turismo de forma organizada, planejada e com responsabilidade, **aprendendo com o que deu certo em outros lugares.**

Por isso, vale questionar:

- * O que pode ser feito, organizado e planejado antes de começar a desenvolver o turismo?
- * Quais são os cuidados e os alertas para evitar as armadilhas que o turismo pode trazer para a comunidade?
- * O que precisa estar claro desde o início, para que o turismo seja realmente sustentável e traga benefícios para a comunidade?

Essas experiências mostram que o turismo comunitário deve nascer na própria comunidade, com uma boa organização local, com planejamento e com a participação das pessoas. Por isso, ele precisa acontecer sem pressa, com tempo, em um ambiente de escuta, confiança e união da comunidade!

E então...

VAMOS CONHECER MAIS ESSES DOIS LUGARES?

A seguir, vamos mostrar onde fica o Vale do Guaporé, entender um pouco do seu contexto histórico com o turismo, assim como conhecer alguns de seus aspectos culturais e ambientais, além de refletir sobre:

- * Quais são suas belezas e riquezas naturais e culturais que existem nessas regiões?
- * O que já aconteceu por lá que seja relacionado ao turismo?
- * Quais são os desafios e os cuidados que precisam ser considerados antes de avançar no projeto de desenvolvimento do turismo?

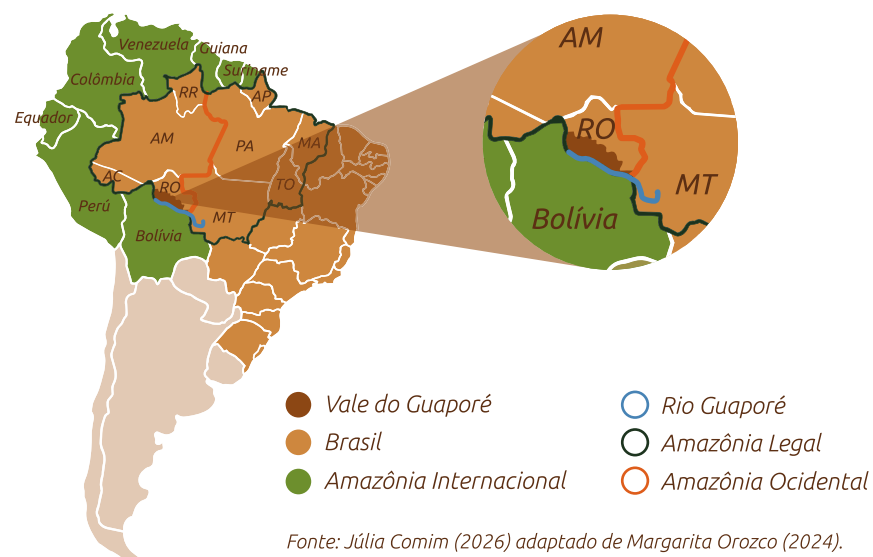
Vamos pensar e caminhar juntos com respeito à memória das atividades que aconteceram no passado, com a valorização das iniciativas que ocorrem atualmente nas comunidades do Vale do Guaporé e com a vontade e o desejo futuro do que pode ser construído de forma justa, responsável e solidária.



Onde fica o VALE DO GUAPORÉ?

O **Vale do Guaporé** fica na região da **Amazônia Ocidental**, no estado de **Rondônia**, bem na **fronteira com a Bolívia**. É uma terra de muitas águas, histórias e lutas, onde a natureza conversa com o modo de vida de povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas e extrativistas que vivem por ali há gerações.

Um dos grandes protagonistas desse vale é o **Rio Guaporé**, conhecido também como **Rio Iténez** no lado boliviano. Ele nasce na **Chapada dos Parecis**, no estado de Mato Grosso e corre por cerca de 1.470 km, até se encontrar com o Rio Mamoré, em Rondônia. Ao longo do caminho, ele banha municípios como Cabixi, Pimenteiras do Oeste, Alto Alegre dos Parecis, Alta Floresta D'Oeste, São Francisco do Guaporé, Costa Marques e Guajará-Mirim.



O estado de Rondônia tem sete grandes **bacias hidrográficas**, e a do Guaporé é a segunda maior do estado. Muitos outros rios deságuam nele, como **os Rios Verde, Corumbiara, Colorado, Mequéns, Branco, São Miguel e Cautário**, todos com histórias próprias e relações fortes com as comunidades que vivem em suas margens.

A partir do **Rio Verde**, o Guaporé se transforma também em **divisa internacional**, pois separa (e ao mesmo tempo une) Brasil e Bolívia. Suas águas são navegáveis por pequenas e médias embarcações, o que por muito tempo serviu para deslocamento e comércio entre povos ribeirinhos e aldeias.



Esse é o cenário onde, tempos atrás, começou a ser pensado um projeto de ecoturismo comunitário. Mas como vimos antes, **as dificuldades foram muitas**, e o turismo ainda está sendo repensado com cuidado e com responsabilidade. Por isso, conhecer esse território, como suas águas, sua cultura e sua força é essencial para não repetir falhas e para construir um caminho de turismo **feito com o povo e para o povo**.

A experiência do turismo na **COMUNIDADE QUILOMBOLA DE** **PEDRAS NEGRAS** *(Vale do Guaporé – RO)*



Quando a comunidade sonhou junto: um histórico de luta e cuidado

A comunidade de **Pedras Negras**, no município de São Francisco do Guaporé (RO), viveu um capítulo importante na história do turismo comunitário na Amazônia brasileira. Localizada dentro da **Reserva Extrativista (RESEX) de Pedras Negras**, criada em 1995 junto com a RESEX Curralinho, a comunidade participou, entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, de um projeto pioneiro de **ecoturismo comunitário**.

A iniciativa nasceu do esforço coletivo de movimentos sociais, como a Organização dos Seringueiros de Rondônia (OSR), e de parcerias com instituições como a UNIR, o WWF-Brasil e o Programa de Ecoturismo da Amazônia Legal (PRO-ECOTUR). Era um tempo de esperança: o ecoturismo era pensado não apenas como atividade econômica, mas como forma de **fortalecer a cultura, proteger o território e gerar renda de forma justa para as famílias locais**.

Durante essa fase, a comunidade construiu trilhas, pomares, hortas e até uma **pousada comunitária**, inaugurada em 2001. Houve formação e capacitação dos moradores em primeiros socorros, atendimento aos visitantes, orientações sobre alimentação, gestão de empreendimentos e condução de trilhas. Jovens e mulheres começaram a assumir papéis importantes nesse processo. O projeto de ecoturismo comunitário teve, inclusive, reconhecimento internacional, após uma expedição de turistas alemães.

Entretanto, obstáculos estruturais logo se impuseram ao projeto promissor. A linha aérea de Porto Velho a Costa Marques, que era o principal acesso a Pedras Negras, sobretudo para estrangeiros, foi cancelada um mês depois da inauguração da pousada de selva rústica (setembro de 2001) e início da operação (outubro de 2001). Esse cancelamento inviabilizou a chegada dos turistas previstos e causou resultados negativos para a iniciativa. O episódio evidencia o quanto o planejamento territorial estadual está desvinculado das políticas de desenvolvimento propostas pelo próprio estado, visto que cria contradições que prejudicam projetos locais.

Além disso, **a forte dependência de instituições externas enfraqueceu o projeto com o tempo.** O modelo gerou o que alguns chamam de "terceirização da autonomia" e dificultou o enraizamento local do ecoturismo.

É nesse cenário que o Turismo de Base Comunitária (TBC) se apresenta como uma alternativa mais próxima da realidade das comunidades, com mais escuta, mais participação direta e mais controle sobre os processos. O TBC valoriza os saberes locais e propõe uma construção coletiva desde o início, respeitando o tempo e os modos de vida de quem vive no território.



Turismo no Vale do Guaporé: O QUE QUEREMOS CULTIVAR?

O Vale do Guaporé é cheio de belezas, saberes e histórias que encantam. Muitos visitantes se interessam por conhecer os rios, as paisagens e os modos de vida das comunidades tradicionais que vivem no Vale do Guaporé. Mas será que todo turismo é bom para a nossa gente?

Vamos refletir juntos?

O que temos de mais bonito por aqui?

- * As **comunidades tradicionais**, cada uma com sua história, suas culturas, tradições e jeito de viver;
- * Os **quilombolas**, com suas raízes profundas e lutas de resistência;
- * Os **povos indígenas**, que há muito habitam e cuidam dessas terras;
- * Os encontros entre culturas, as festas de fé e celebração, como a **Festa do Divino Espírito Santo e as danças bolivianas** e outras manifestações multiétnicas;
- * O **Buritizal Grande do Guaporé**, um santuário para as aves e muitos outros animais;

- * Os rios como o **Mequéns**, com suas águas limpas e cheias de vida;
- * O trabalho sério de conservação feito por comunidades e organizações, como o projeto de proteção de quelônios e aves da **ONG Ecovale**;
- * A diversidade da floresta: **mata de igapó, terra firme, campinas, praias, baías**, um mundo de vida!
- * A memória viva no **Real Forte Príncipe da Beira**, um patrimônio que guarda histórias de outros tempos;
- * E claro: o povo que vive tudo isso com alegria, coragem e sabedoria.



O que pode ser **VIVIDO E COMPARTILHADO** com os visitantes?

Mas o que queremos
com o turismo?

- * Queremos **mostrar quem somos ou nos adaptar ao gosto dos turistas?**
- * Queremos **valorizar nossas culturas ou vender nossas tradições como mercadoria?**
- * Como garantir que **o que é sagrado para nós não vire apenas um espetáculo?**
- * Estamos preparados para **receber com respeito, sem abrir mão da nossa dignidade e dos nossos modos de viver?**
- * Quem decide **como, quando e por que mostrar nossa terra aos visitantes?**
- * Será que **a festa continua sendo nossa**, quando é feita somente para agradar a quem vem de fora?

Depois de refletirmos ...

será que o turismo pode ser uma forma de valorizar o que é nosso, sem nos transformar em vitrine? Quais experiências fazem sentido ser partilhadas com quem chega?

Trilhas com história e sabedoria

Já pensou em fazer trilhas que, além de mostrar a floresta, também contem as histórias do povo quilombola? Que tal falarmos das plantas medicinais, dos nomes das árvores e das memórias de quem plantou, cuidou e viveu ali?

Castanha da Amazônia: da mata à mesa

E se o visitante pudesse conhecer os castanhais? Pudessem acompanhar a colheita e aprender como se faz o beneficiamento e venda do produto? Tudo com cuidado, sem atrapalhar o tempo da floresta e o trabalho das famílias.



Passeios aos antigos seringais

Contar como era a vida dos trabalhadores do látex, o que ficou de bom e o que foi difícil durante essa jornada. O turismo pode ser um espaço para a memória, para que as novas gerações entendam de onde vieram.

Farinha e saberes sobre a mandioca

Será que quem vem de fora sabe como se faz a farinha? Mostrar a colheita, o descasque e a limpeza da mandioca; o forno onde é torrada e o esforço coletivo, pode virar aula de vida. Que tal pensar em uma casa de farinha que seja espaço de trabalho, memória e troca?

Igrejas, cemitérios, sítios arqueológicos e urnas funerárias

Será que tudo isso pode ser mostrado de qualquer jeito? Ou será que é preciso combinar com o tempo da memória e da ancestralidade?

Biojoias e sementes com história

Será que quem vem de fora sabe como se faz a farinha? Mostrar a colheita, o descasque e a limpeza da mandioca; o forno onde é torrada e o esforço coletivo, pode virar aula de vida. Que tal pensar em uma casa de farinha que seja espaço de trabalho, memória e troca?



A arte de fazer cerâmica, legado ancestral

Os jovens das comunidades podem aprender com os mais velhos algumas tradições ancestrais, tal como o processo de elaboração de cerâmica. Como em Pedras Negras, onde a matriarca da comunidade fazia essa arte. É por intermédio dos jovens que as práticas tradicionais e os modos de vida dos quilombolas podem se manter e resistir, deixando o legado.

A tradição das canoas e dos canoeiros

Os remos e as canoas artesanais da comunidade de Pedras Negras e de Versalles têm história. Seria bonito mostrar como são feitas, pra que servem, o que significam. Não é só madeira, é cultura viva!

Quais cuidados precisamos ter **COM O TURISMO** em nossas comunidades?

O turismo pode ser uma ferramenta de fortalecimento, mas também pode causar prejuízos se não for pensado com cuidado.

Por isso, é importante refletir:

- * Será que o turismo pode fortalecer ou enfraquecer a luta pela demarcação e defesa dos nossos territórios?
- * Como lidar com os pescadores amadores e turistas que não respeitam o nosso modo de viver, pescam sem limites e prejudicam o rio e a fauna?
- * Como retomar o transporte fluvial público entre os municípios, pensado junto com os moradores, para atender às necessidades da comunidade e dos visitantes de forma justa?
- * Já pensou se as **árvores genealógicas** das famílias quilombolas virassem materiais de valorização da história das comunidades e mostrassem para os visitantes a riqueza da ancestralidade de quem vive aqui?

Dicas para um turismo que **RESPEITA, VALORIZA E FORTALECE**

→ Quem deve contar nossa história?

Será que não é mais bonito termos guias da própria comunidade, que conhecem os caminhos, os 'causos' e os encantos de cada lugar? Assim, ninguém fala por nós.

→ O turismo pode nos fortalecer ou nos apagar.

Como garantir que sejamos protagonistas das nossas experiências e não apenas parte de um roteiro? Será que estamos nos sentindo respeitados ou apenas observados? Os turistas perguntam por nossos costumes, hábitos, tradições?

→ Nem tudo é para mostrar.

Algumas coisas são sagradas. Será que vale a pena transformar nossas festas, comidas e memórias em atrações? Ou será melhor preservar aquilo que nos conecta com quem somos?

→ O que queremos partilhar? O que preferimos guardar?

Talvez o primeiro passo seja sentarmos e conversarmos: o que pode ser mostrado? O que é melhor manter só pra nós?

→ **E se a decisão fosse coletiva?**

Antes de abriremos as portas para o turismo, que tal reunirmos a comunidade e escutarmos todas as vozes? Quando decidimos juntos, evitamos atropelos.

→ **Planejar pode ajudar a evitar problemas.**

Algumas comunidades pensam em mapas e zoneamentos: onde pode visitar, onde precisa de cuidado, onde não se deve pisar. Será que essa ideia faria sentido aqui também?

→ **A festa continua sendo nossa?**

Se o turismo começa a mudar o sentido da celebração, será que ainda é a mesma festa? Podemos ajustar o formato sem perder o sentimento?

→ **Tem valor o que é feito aqui.**

O artesanato, os sabores, os saberes da floresta... Tudo isso é mais do que produto: é cultura viva. Como garantir que seja valorizada sem ser explorada?

→ **Cada comunidade tem seu tempo.**

Será que estamos conseguindo caminhar no nosso ritmo, ou estamos correndo para atender às pessoas de fora?

→ **Com quem queremos caminhar?**

Algumas parcerias nos fortalecem, outras nos esvaziam e não ajudam a comunidade. Será que os projetos que chegam respeitam nossos sonhos e decisões?

→ **O visitante também precisa aprender.**

Será que estamos preparados para dizer com clareza e acolhimento, o que pode e o que não pode? Isso também é educar.

→ **O turismo pode ir além da pesca.**

Que tal explorar outras formas de visitação, como caminhadas, contação de histórias, oficinas culturais e vivências na roça? As possibilidades são muitas!



SITUAÇÃO ATUAL: *turismo de pesca e novos desafios*

Hoje, o turismo que mais ocorre na região é o de **pescaria esportiva**, organizado principalmente pelos proprietários das pousadas e, em alguns casos, por empresas de fora. Esse tipo de turismo, por enquanto, **quase não envolve a comunidade** e traz poucos benefícios diretos para os moradores. Além disso, há preocupações com impactos ambientais, lixo nos rios e desvalorização dos saberes locais.

Mesmo assim, a experiência vivida ainda está na memória da comunidade. O desejo de retomar um **turismo com alma coletiva, com respeito, com diálogo e com cuidado** ainda existe e pode renascer, se for construído com paciência, transparência e escuta verdadeira.

O turismo que pode ser interessante para a comunidade, não é somente visitação: é **parceria, respeito, justiça e pertencimento**.

No próximo tópico, vamos conversar mais sobre o **turismo de pesca**, seus potenciais e riscos, e refletir juntos sobre **quais caminhos podem ser seguidos** para que o turismo respeite de verdade o território, a natureza e as pessoas que vivem nele.

Turismo de pesca: **CUIDAR DOS RIOS É CUIDAR DA VIDA**

*Você já parou para pensar
e se perguntou sobre...*

- * De quem são os peixes dos rios?
- * O que acontece com a vida dos peixes e consequentemente dos rios, quando tiramos mais peixe do que o rio pode oferecer?
- * A quem serve o turismo de pesca?
- * O turismo de pesca fortalece (direta ou indiretamente) todos da comunidade ou beneficia apenas poucas pessoas?
- * O turismo valoriza as atividades das comunidades ou gera impactos que muitas vezes não notamos?



O chamado **turismo de pesca, ou pesca esportiva**, é uma atividade na qual as pessoas viajam para lugares que têm rios, lagos e mares para praticar a pesca como lazer ou esporte. Mas será que basta ser lazer para ser justo?

Essa prática, quando feita sem responsabilidade (sem planejamento, sem organização, sem participação), pode causar sérios impactos negativos.

O excesso de retirada de peixes, especialmente em épocas de reprodução, fora do tamanho permitido ou de espécies (que já estão ameaçadas), enfraquece o equilíbrio dos rios, prejudica a biodiversidade e atinge diretamente quem vive dos recursos naturais,

Por isso,
fica a seguinte reflexão:

Como fazer com que os pescadores amadores e o turismo de pesca não causem impactos negativos? Como garantir que o turismo de pesca valorize e respeite os territórios, os rios e as comunidades que deles dependem?

É fundamental que toda pessoa que se propõe a fazer turismo de pesca:

- * **Oriente aos turistas pescadores sobre os limites, as regras, as restrições e as boas práticas para a pesca;**
- * **Respeite os períodos de defeso**, quando os peixes estão se reproduzindo e os rios pedem descanso;
- * **Observe os tamanhos mínimos e máximos das espécies** — cada peixe tem seu tempo e sua função no ciclo da vida;
- * **Não capture espécies ameaçadas ou protegidas;**
- * **Siga os limites de quantidade**, lembrando sempre que o rio não é infinito e que dele dependem muitas vidas;
- * Dialogue com as comunidades locais, perguntando: A comunidade tem se beneficiado com o turismo de pesca? **Como a pesca tem acontecido? O que é necessário fazer para melhorar?**



É IMPORTANTE *saber*

que, em muitos lugares da Amazônia, as comunidades vêm lutando há décadas contra a pesca predatória. A entrada de turistas, quando não é feita de forma organizada, coletiva e respeitosa pode trazer impactos prejudiciais para as comunidades.

Por isso, algumas perguntas ajudam a refletir e pensar sobre o turismo de pesca esportiva:

- * Este turismo ajuda na preservação dos rios e dos territórios?
- * Está contribuindo para a geração de renda justa, autonomia e fortalecimento das comunidades locais?
- * Ou será que, sem perceber, estamos reproduzindo práticas que colocam em risco não somente os peixes, mas também a vida, os modos de ser e de existir de quem sempre cuidou dessas águas?



Cuidar dos rios, dos peixes e das pessoas é um compromisso que deve caminhar junto. O turismo, quando nasce do diálogo, da escuta e do respeito pode ser uma linda oportunidade de aprender, conservar e partilhar.

IMPACTOS DO TURISMO DE PESCA:

por que precisamos ficar atentos?

O turismo, como já vimos, pode sim trazer muitos benefícios quando feito de forma organizada, justa e respeitosa. No entanto, quando acontece de forma desordenada, sem planejamento, sem organização e sem participação das comunidades locais, os impactos negativos aparecem e quem sofre primeiro são justamente os moradores, os animais, os rios e a floresta.

Alguns problemas que podem surgir com o turismo de pesca desorganizado:

- * **Acúmulo de lixo:** resíduos jogados nos rios, praias, trilhas e nas próprias comunidades;
- * **Água poluída:** o despejo de lixo e esgoto afetam diretamente a qualidade da água, prejudicam quem vive no território e a fauna aquática;
- * **Redução de peixes e quelônios:** a pesca predatória, desrespeito às regras e destruição de berçários naturais afugentam os animais e prejudicam o ciclo da vida no rio;
- * **Falta de saneamento:** quando não há estrutura adequada, os impactos recaem sobre todos — moradores, visitantes e o ambiente;
- * **Aumento da vulnerabilidade social:** em regiões de fronteira, a circulação descontrolada de pessoas pode trazer riscos, principalmente para crianças, jovens e mulheres;

- * **Desigualdade na distribuição dos ganhos:** os benefícios econômicos se concentram nas mãos de poucos, enquanto a comunidade arca com os prejuízos ambientais e sociais;
- * **Falta de participação:** o poder público e empresas costumam trazer “soluções prontas” sem ouvir quem mora e cuida do território;
- * **Perda de modos de vida:** costumes, práticas culturais e conhecimentos ancestrais vão se perdendo quando o turismo não é alinhado com os valores e a organização da própria comunidade.

VOCÊ SABIA?

Se o turismo não for bem planejado, ele pode destruir justamente aquilo que atrai os visitantes: a natureza preservada, a fartura de peixes, os rios conservados, as águas limpas, a cultura e os modos de vida tradicionais.

Preservar o território é também garantir que o turismo continue sempre acontecendo e sendo uma fonte de renda e de fortalecimento cultural!

DICA IMPORTANTE *para a comunidade*

Se organizem e **conversem entre vocês (para tomar decisões acertadas e coletivas)**!

Antes de aceitar qualquer proposta de turismo, a comunidade precisa se reunir, refletir e decidir:

- * Nós queremos esse tipo de turismo?
- * Quais regras queremos estabelecer?
- * Como garantir que os benefícios sejam para todos e não somente para alguns?

Outra dica **fundamental**

CUIDAR DO TERRITÓRIO É CUIDAR DE NÓS MESMOS!

Mantenha os rios limpos, exija dos visitantes o respeito às regras, proteja as áreas de reprodução dos peixes e dos quelônios. Assim, garantimos alimento, cultura viva e qualidade de vida para hoje e para o futuro.



AGRADECIMENTOS

CONFAP - Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa

CONSECTI - Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência Tecnologia e Inovação

FAPESP - Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo

FAPEAP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Amapá

FAPERO - Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas, Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA - Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

MIDR - Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional

Agradecimentos especiais a todos os envolvidos nas ações dos Projetos:

Moradores das Comunidades do Vale do Guaporé (RO);

Moradores das Comunidades do Vale do Jari (AP);

Pesquisadores, Estudantes, Pós-graduandos, Professores envolvidos nas ações do Projeto;

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos;

UNIR - Universidade Federal de Rondônia;

IFAP - Instituto Federal do Amapá;

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

INICIATIVA AMAZÔNIA+10:
desenvolvimento de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) na região da Amazônia legal



PROJETO:

Caracterização socioambiental, diagnóstico da gestão territorial e análise do potencial de sustentabilidade na região do Vale do Guaporé, estado de Rondônia e do Vale do Jari, estado do Amapá: desafios para o desenvolvimento do turismo sustentável, gestão da água e educação ambiental.

REALIZAÇÃO:

Universidade Federal de São Carlos – **UFSCar**

Universidade Federal de Rondônia – **UNIR**

Instituto Federal do Amapá – **IFAP**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - **UNIOESTE**



